

## QUEM FOI PAULO NEVES DE CARVALHO

*Elizabeth Neves de Carvalho (2014)*

Aparentemente austero, na realidade, era pessoa de fácil convívio, até informal; irônico, sutil. Na verdade, cerimonioso. Ainda que pessoas se sentissem íntimas, pelo envolvimento pessoal e psicológico (sedutor, encantador), nunca se abriu pessoalmente, e jamais se abriria sobre sua intimidade (reservado). Sempre nos dizia também: “nunca a ninguém mostrem o fundo do bolso ou o fundo do coração”. Exigente, sim, mas quanto à execução do trabalho – o seu, o de profissionais ou de seus alunos, porque acreditava na força do trabalho. Com isso, acabava realizando sozinho – à mão, com caneta “bic” -, qualquer trabalho que fosse – do mais simples, como o de secretariado, até os mais complexos pareceres, em que se exigiam números de leis – todas, todas registradas na memória. Baixava a cabeça, se debruçava sobre o papel e, como diz nosso ex-governador, Antônio Augusto Anastasia, nesse momento, era como se psicografasse, tamanha a rapidez de raciocínio e da escrita. Chegava a aceitar os trabalhos, agradecê-los, isso sempre (muito gentil), mas, certamente, já prevendo a sua alteração. Costumava reiniciar tudo, do zero – e com impressionante disposição física e intelectual ao trabalho, com presteza de raciocínio e absoluto domínio dos temas, sem reclamar e muito menos comentar a respeito (discreto). O que nos fica sobre isso é que sempre, sempre, oferecia oportunidades a quem participasse ou demonstrasse interesse em participar, em produzir. Estimulava, acompanhava, sonhava junto (incentivador). Daí sua dificuldade de eger uma equipe permanente, o que, na realidade, nunca ocorreu. De estilo muito próprio e moderno, inovador. Inúmeras foram as pessoas que se decidiram na vida pessoal e profissionalmente sob sua orientação e conselhos. Sobre essa inflexibilidade, quando ainda relativamente jovem, sua exigência extrapolava muitas vezes a condição física de quem trabalhasse com ele – parceiros, funcionários, estagiários -, vencidos pelo cansaço, ou mesmo pela fadiga da capacidade intelectual. Nunca deu a mim, por exemplo, ainda criança, por volta dos 4, 5 anos, nota acima de 4.8 nos desenhos. Nunca me esqueci disso. Ilustrando, na época do vestibular oral, papai na banca de examinadores, aproximou-se dele um candidato que logo se dispôs a perguntar: “é pra mim sentar?” Respondeu papai: “já não é mais”. Bom, o rapaz naturalmente foi reprovado. Como professor, nem se fala: realmente rígido, mas apenas nos primeiros anos de carreira. Os alunos o temiam tanto nos momentos de prova, que papai lhes dava um calmante, na verdade um placebo, nada mais que uma aspirina. Sentiam-se convencidos e, o melhor, calmos. Realizavam assim a prova (convincente). Na verdade, suas atitudes e palavras transmitiam fé. Mas, com o passar do tempo, da vida, seu “olhar” para o outro, nesse sentido, foi sofrendo um processo de transmutação. Passou a filtrar a essência da vida, as peculiaridades de cada um como indivíduo (respeitador e humilde). Passou a compreender mais, a tolerar mais, a amá-los ainda mais, especialmente seus alunos. A Dra. Maria Coeli Simões, Secretária atual da Casa Civil e Relações Institucionais, é um exemplo. Há pouco tempo, em contato com uma de nossas prefeituras, ao me identificar, disseram: “ah, Paulo Neves? Meu guru espiritual!”. Esse é um dos aspectos que marcaram quem o conheceu, o orientador, sempre amparando. E, ainda sobre a sua aparente inflexibilidade, interessante é que nossa casa era permanentemente frequentada, sem restrições. E pelos mais diversos públicos. Muitas vezes eu até precisava sair – fugir – pelo portãozinho do fundo, evitando o assédio de Prefeitos. Isso no Prado, eu era muito menina, mas me lembro bem disso. Quando viemos dos Estados Unidos, em 54, eu com dois anos e meio, éramos os únicos de toda a

região com televisão, aliás, trazida de lá. Nossa sala de TV se transformou em sala de cinema. Todas as noites, lá estavam crianças e adultos para assistir aos programas, deslumbrados. Também as horas dançantes dos anos 1960 do Bairro Prado aconteciam em nossa casa, como também ensaios de banda às tardes dos sábados. As brincadeiras dos filhos, de bairro a bairro, de nego fugido, finca, nunca se incomodou. E as serenatas. Ah, ele contratava um carro de polícia pra nos acompanhar. Ensaiávamos em casa, ríamos muito, e a gente saía era de madrugada, com o carro de polícia atrás. Eu não devia ter mais que nove anos. As festas à fantasia, ou mesmo minhas irmãs, que foram as pioneiras, saíam fantasiadas de mendigas pedindo esmola pelo bairro, de farra. E ganhavam, mesmo. Eu, fascinada pelo teatro, também passei a me fantasiar. Nunca fui reconhecida, nem pelo meu irmão, mas não tive a mesma sorte financeira – nem uma moedinha. E, ainda, brincávamos de assombração. Ele e minha mãe se recolhiam, cada um em sua biblioteca, parecendo em sinal de respeito ao nosso momento de criança, ou, quem sabe, precisassem mesmo desse tempo de leituras e estudos; e o restante da casa – com seus 29 cômodos – ficava à nossa disposição. Eram gritos de terror, fantasias, sons de corrente se arrastando e, claro, choradeira no final, sempre. Era uma casa aberta do homem de coração aberto. Daí, papai, Paulo Neves, e nossa mãe, Irene, nos deram a liberdade da infância.

Sobre os gêneros, bem distintos cada um deles – fosse no estilo pessoal ou na profissão. Se artista ou executivo, eram considerados por meu pai, imparcialmente. No caso do artista, papai chegou a elegê-lo o Rei do Sino (havia um sino bem antigo e grande em nossa casa) numa noite de Natal. Talvez por cumplicidade a sua sensibilidade ou uma manifestação de apoio.

Machadiano e Kafkiano, era cético, ou demonstrava ser. Homem além do seu tempo, foi um perfeito mediador e administrador de conflitos. Há um episódio que me impressionou: na possibilidade da venda de um lote, com a qual eu não concordava, apenas assinei quando li a sua assinatura no documento. Mas no encontro seguinte com meu pai, ele me disse: “minha esperança era a de que você não assinasse”. Veja aí a sua aversão a conflitos e desentendimentos. Possuía o olho clínico e uma visão impressionante do futuro – com seu diagnóstico, infalível, encantava seu público (encantador): parentes, alunos ou qualquer que dele se aproximasse lhe pedindo ajuda. Muito semelhante a um padre da então TV Itacolomi, era abordado nas ruas por pessoas que lhe pediam conselho e lhe beijavam a mão. Também, a convite, possivelmente por insistência, entrou em um templo evangélico, quando, de posse da Bíblia, a leu para os crentes. Choraram, beijaram-lhe as mãos, em sinal de confiança, respeito e gratidão (Homem de multidões e mágico).

Era de extrema sensibilidade, principalmente pelas crianças e animais. Em nossas casas, bichos não faltavam. De cachorros, gatos, jacus, veados, até coati. Este último chegou filhote, na palma da mão da Maria Irene, a filha mais velha. Mas não houve qualquer resistência por parte dele. Lá foi criado e cresceu tanto, que tivemos que soltá-lo em uma mata. Mas também depois de incomodar muito, sobretudo estranhos que porventura chegassem, quando o coati subia-lhes, subitamente, até a cabeça, com suas garras grandes, sem que tivessem tempo pra evitar isso. Roubava todo o alimento da mesa. No fundo, papai se deliciava com isso (divertido). Também gostava muito de piadas, claro, inteligentes. Lembramos quando, de terno, antes de ir para a Universidade, cavando um buraco para enterrar um cachorro

atropelado. Não comentava, achamos, por falta de tempo. O pintinho, desse ninguém se esqueceu. Doado por uma escola a uma de suas netas, uma de minhas filhas, quando criancinha, pelo dia das crianças, não houve outra maneira a não ser criá-lo. Mas não só criá-lo. Passou a ser o companheiro do papai que carinhosamente com ele conversava e o mantinha sobre sua mesa de trabalho (solitário). Enquanto folheava os livros ou escrevia, lá estava o pintinho sob a sua guarda. Mas o final dessa história não é feliz: foi devorado pelo nosso cachorro de caça. Lembro-me do papai socando as paredes, desolado, inconformado. Não parou por aí porque outros dois pintinhos nos apareceram mais tarde e por lá ficaram até que se tornassem, ambos, galos. Às 4 da manhã, empoleirados no encosto da cadeira antiga, já anunciavam o nascer do dia (moravam com Beth e duas filhas), no fundo da casa. Mas o maior amigo animal foi Moabe, pastor alemão, babá da minha caçula, Izabela. Verdade, eles subiam sozinhos um morro do Conde, o mais alto. Escorregavam lá de cima, e ele, na frente, freando e girando o pescoço pra trás, como que protegendo Izabela, na época com não mais de um ano e meio. Moabe chorava por nós, nos esperava acordar, fazia parte da família. Um dia, engoliu um sapo. Morreu. Foi muito triste para papai. Mamãe, que também sofreu muito com esta perda, chegou a gravar na sua lápide um poema muito bonito. Papai amava os animais, a natureza. Até se entristecia quando parava pra olhar a mata do Conde.

Comigo, talvez por ter sido a última a nascer, foi mais flexível. Lembro-me de algumas noites, no Prado, quando, exausto do trabalho, já bem tarde da noite, ia, antes de qualquer coisa, até minha cama, se sentava e me acarinhava o rosto. Algumas vezes, até cantarolava. E também tinha o dom da fantasia, da imaginação. Foi ele quem criou pra nós, os filhos, o Carlitos, um personagem seu. Inês, como ninguém, sabe dizer sobre isso.

Também era bastante desligado ou não tivesse tempo pra observar tudo ao redor. Há um caso em que quando morávamos – eu, marido e duas filhas – no apartamento de 2 andares que ficava no fundo da casa do papai. A entrada, sendo independente, não se percebia mesmo quem entrasse ou saísse. Até porque acredito que também não se preocupasse com isso, apesar de ter sempre perto um revolver carregado. Continuando, depois de nove meses de separação, me chega papai às seis da manhã, do lado de fora desse apartamento e me pergunta: “minha filha, estou achando o fulano meio sumido”... E com toda discrição e doçura. Na minha formatura – jornalismo – perguntou-me lá mesmo: em que mesmo que está se formando? Ou: quantos anos mesmo você já tem?

Foi um verdadeiro companheiro e fiel aos amigos. Há alguns episódios marcantes: bastante jovem, por volta dos 19 anos, já era diretor do Colégio Anchieta. Sempre na saída do colégio, se deparava com um catador de papel. Mas passou a observar que aquele mendigo não só catava os papéis, mas os lia, todos, com bastante interesse. Claro que papai dele se aproximou, o instruiu, o orientou, o que resultou em cargo significativo em Brasília. Oscar Dias Correa, seu colega de turma de colégio, havendo adoecido, papai diariamente pegava o ônibus para Itaúna para lhe repassar a matéria do dia. Isso consta no livro sobre o ex-ministro editado pela Assembleia Legislativa de Minas. Moradores do bairro Santa Tereza, em Belo Horizonte, foram alfabetizados por ele, quando ainda morava lá, supondo, na época, um menino. (REPETIÇÃO-parte).

Incansável homem público, perseguia o bem coletivo, a coisa justa, custasse o que custasse. Não só com firmeza, mas com muito “jeitinho”. Diplomata, político, extremamente correto e justo, trabalhou, além do magistério, sua paixão, para inúmeras prefeituras mineiras ou câmaras municipais. O seu relacionamento com vereadores e prefeitos se estreitava, já nos primeiros encontros. Não digo apenas com relação às leis propriamente ditas que, por meio delas, buscava sanar todos os conflitos daqueles órgãos, mas por sua participação direta nos anseios do povo (participativo/solidário). Chegou, certa vez, a arregaçar as barras da calça do terno para carregar mulheres, homens e crianças numa enchente, já separando os homens das mulheres. Engraçado, ele achava engraçado porque nos contava. Dava uma de moralista, mas... Muitas vezes saía pra algum discurso, sempre de improviso, e só voltava depois de alguns dias. Honorários? Difícil que os cobrasse. Isso o constrangia, além de que se comovia ou se compadecia dos desfavorecidos (solidário/compassivo), ainda que homens públicos. A secretária, Lourdinha, chegava a barrar prefeitos inadimplentes, mas de nada adiantava. Ele próprio, respondia a pergunta do “quanto é, professor?”, com tapinhas nas costas, dizendo: “depois a gente vê isso”. E como deixar de dizer: foi o único que, na época do governo Magalhães Pinto, recusou um cartório por não julgar aquilo justo (honesto ao extremo). É, isso ficou principalmente na cabeça de minha mãe por toda a vida. “Mas, Paulo!” Defensor dos educadores, sempre, conseguiu aumento para a classe dos professores. Também por isso era queridíssimo por eles na gestão governamental daquela época.

Política: nunca se filiou a qualquer partido político (apartidário); certamente optou com convicção pelo livre acesso a qualquer governo (liberdade). Sua inquietude foi tamanha que um determinado médico lhe receitou-lhe calmantes que foram todos tomados de uma só vez pra se ver livre deles. Acordou um bom tempo depois muito inquieto. Foi se tornando cada vez mais respeitado por todos e por todas as camadas sociais. Poucos anos depois de terminar o grupo escolar, viu-se ameaçado de não conseguir prosseguir nos estudos pelas más condições financeiras. Mas um vizinho, Heráclito, impressionado e empolgado com sua inteligência, escreveu uma carta de próprio punho ao Governador da época, Olegário Maciel, solicitando a visita do papai e, nessa carta, solicitava-lhe uma bolsa de estudos. Seria em um dos dois colégios de Belo Horizonte: Arnaldo ou Ginásio Mineiro. Vovó, exímia costureira, arranjou-lhe um terninho – de saco de aniagem alvejado, o mesmo de sua graduação no grupo, e lá foi papai, menino, ao Palácio, porque vovó ficou constrangida de adentrá-lo. Foi vovó quem levou o nosso pai ao Palácio do Governo, mas, por constrangimento, não quis entrar. No Palácio, na Praça da Liberdade, foi recebido pelo Chefe de Gabinete do Governador. Em seguida, foi levado ao Ginásio Mineiro, de táxi, por um ex-jogador do Atlético Mineiro, secretário do Ginásio Mineiro. Pediram-lhe alguns documentos que foram organizados por ele, o suficiente para não haver qualquer dúvida quanto à bolsa de estudos. Foi mais que satisfatoriamente aceito.

Férias, sábados, domingos ou feriados, nunca teve, com exceção de uma vez quando estive em Guarapari – a caçula, Beth, já com 18 anos. Rimos muito de papai pulando ondinhas com um calção enorme, a pele muito branca. Era tudo inusitado! À tarde, fez questão de reunir toda a família – ele, mamãe e os quatro filhos – para irmos a um restaurante. Entramos na primeira casa que vimos – bonita, com mesas, pessoas bonitas e alegres. Chegamos a nos sentar e a pedir o cardápio. Mas claro que não era um restaurante, mas a casa de um ex-aluno onde se comemorava um aniversário ou um casamento. E lá ficamos. Foi realmente uma festa.

Aliás, quando mamãe reclamava a respeito da sua inquietude, do excesso de trabalho, e de que nunca saía com a família de férias, dizia: “terei a eternidade para descansar”.

Amante da música, especialmente o tango, ouvia na eletrola Phillips, os vinis, aos domingos, quando éramos crianças. Também óperas de sua preferência. Mamãe, excelente cantora lírica, o acompanhava.

Idiomas: o francês, o inglês, o espanhol e o latim, absolutamente dominados com exímio e sem sotaque. Ainda, a filosofia, história e o português, impecável. Gostava de promover pequenos testes entre os filhos, a valer, sobre a língua pátria. Em geral, usando o subjuntivo e o imperativo negativo.

De aparência desleixada, ex-alunos muito bem se lembram que, antes de sua aula, a de Direito Administrativo, entrava outro professor, sempre muito alinhado e de cabelos engomados. Pois bem, em seguida, entrava papai: cabelos atrapalhados, pasta já bastante gasta, gravata torta, e algumas vezes de sapatos trocados. Desapegado à matéria, há um episódio em que foram dadas a ele pedras preciosas em troca do trabalho: águas marinhas, ametistas e outras. Nas embalagens ficaram guardadas por anos, no arquivo da vovó. Essas pedrinhas, devolvidas à família, foram usadas nos trabalhos de argila dos filhos. Enfeitavam a sala, inclusive. Naturalmente foram desaparecendo. Nunca nem se comentou a respeito. Os tapetes de nossa casa eram usados pelos filhos como escorregadores na cerâmica encerada. Esse era Paulo Neves.

E a aula prosseguia em absoluto silêncio. Bonito de se ver seu domínio: da matéria, do ambiente, dos olhares presos no quadro negro. E fosse numa sala de aula, ou sendo homenageado, ou devendo assinar em público um importante documento, sempre estava ali a velha caneta Bic, azul, no seu bolso, além de em pequenino papel onde anotava as emergências do dia, completadas de cabeça pelos compromissos de rotina.

Nosso ambiente doméstico sempre foi o de antiguidades, livros empilhados, enciclopédias raras, piano alemão antigo, que eram utilizados nas férias. Papai, ainda no Conde, antes de morar nos últimos de seus dias na casa de sua irmã Léa, trabalhava em um escritório muito pequeno. Na mesa, as Constituições, alguns papéis, pastas amontoadas, a velha caneta Bic, e um radinho de pilha, sempre ligado na CBN. De sua janela via-se uma grande árvore e a mata, sua paixão.

Sobre os netos, foram, nos últimos anos de vida, sua verdadeira preocupação. Até porque foi se desligando de tudo que não estivesse ligado à essência da vida. Desprende-se, devagarinho e, ainda mais, da parte material, principalmente do dinheiro que entrasse ou saísse. Mas de uma coisa não se desligou: dos netos – que passaram a ser grande parte do seu pensamento, de suas expectativas e de suas preocupações. São eles, em ordem cronológica, André, Juliana, Luiza, Cecília e Izabela. Ainda, a bisneta Taiz.

Lembro-me também de uma noite bem bonita, a do Natal de 2003. Fomos vê-lo, já à noite, eu, Marcelo, Luiza, Cecília, Izabela – minhas filhas - e a bisneta, Taiz. Ninguém mais. Ele deitado, sem se mexer, e nós cantamos à capela e em várias vozes, “Adeste Fidelis”. Foi lindo, lindo, de chorar. Acho que gostou. E muito.

Quero dizer algo sobre a minha despedida: numa sexta-feira, 21 de maio de 2004, sem que ninguém soubesse do outro, todos da minha casa trouxeram flores da feira que acontece na Av. Bernardo Monteiro. Minha casa mais parecia uma flora. Por todos os cômodos – quartos, banheiros e sala, tudo florido e lindo. Pensei: amanhã levo algumas flores para o papai, para alegrar o seu ambiente. Fui, me esqueci das flores, mas disse a ele, que certamente me ouvia - depois de perguntar com muita dificuldade por uma das netas, Cecília, que as levaria no dia seguinte, 23. Também perguntou sobre uma situação particular minha, que em outra ocasião não havia dado tanta atenção como naquele dia, naquela tardinha. Conversamos. Aliás, praticamente apenas eu falei – sobre projetos nossos que ainda poderiam acontecer... Dei-lhe um beijo, fui-me embora, mas chorando muito. Mal conseguia dirigir porque intuía algo muito doloroso, muito triste. E foi quando liguei, na manhã desse dia 23 de maio de 2004, e tive a notícia, pelo tio Luciano, que pessoas estavam tentando “ressuscitá-lo”, foi o que ele disse. Corremos até lá, Marcelo, eu e Cecília. Papai estava partindo. Partiu nessa manhã de domingo. E, finalmente, levei as flores, como prometi, no dia 24, na Colina. Fui a última a vê-lo em vida e a que o viu morrer.

Um pigmaleão de almas, como diz Maria Irene, na busca da construção de pessoas. Mas nem por isso deixou de ser um solitário. Isso sou eu que digo. Ainda no Conde, horas a fio se sentava num banco de madeira, na natureza, onde deixava fluírem os pensamentos. Sabe Deus sobre o quê. Foi quando percebeu e disse – em depoimento gravado por mim: “A vida se tornou longa”.